

MUSEU DO ALJUBE
RESISTÊNCIA E LIBERDADE

CONCURSO DE CONTOS 2021
EDUCALJUBE

Coragem hoje, abraços amanhã



O concurso de contos, promovido pelo Museu do Aljube Resistência e Liberdade, tem como objetivo estimular a escrita criativa e sensibilizar jovens e adultos para a cidadania ativa através da partilha de projetos literários.

O concurso é organizado em dois escalões, dirigidos a jovens a partir dos 15 anos e a adultos a partir dos 18 anos.

Os trabalhos premiados em cada um dos escalões são agora publicados em versão *E-book*.

A quarta edição do Concurso de Contos teve como tema “Coragem hoje, abraços amanhã”, uma mensagem de apoio partilhada entre as mulheres detidas pela PIDE durante a ditadura. No reduto norte da prisão de Caxias, comunicavam através de sons na parede e palavras sussurradas de apoio e coragem.

O júri foi composto por Rita Rato, Diretora do Museu do Aljube Resistência e Liberdade; Catarina Homem Marques, assistente editorial e responsável de comunicação da editora Tinta-da-China; Rui Breda, responsável pelo Departamento de Comunicação da editora Dom Quixote.

MUSEU DO ALJUBE
RESISTÊNCIA E LIBERDADE

CONCURSO DE CONTOS 2021
EDUCALJUBE

Coragem hoje, abraços amanhã



MUSEU DO ALJUBE RESISTÊNCIA E LIBERDADE

CORAGEM HOJE, ABRAÇOS AMANHÃ

Concurso de Contos 2021

EducAljube

Coordenação

Rita Rato e Elisabete Inácio

Design gráfico

Eduardo Ferreira

Ilustração da capa

Patrícia Guimarães

Edição

EGEAC

Lisboa, Outubro de 2022

museudoaljube.pt / info@museudoaljube.pt

Rua de Augusto Rosa, 42

1100-059 Lisboa • Telef. 215 818 535



MUSEU DO ALJUBE
RESISTÊNCIA
E LIBERDADE

 EGEAC

***Coragem hoje,
abraços amanhã***

Inquietação **13**

LUNA GAMANHO

Enquanto as crianças brincam **21**

SANTIAGO QUINONEZ

Falsas esperanças **29**

DUARTE DA MOTA GOMES

Tão frágil **35**

MANUEL ABRANTES

A caixa de música **43**

CLELIA BETTINI

Coragem **51**

FRANCISCO MOURA RÚBIO

*Coragem hoje,
abraços amanhã*



Inquietação

LUNA GAMANHO

Os primeiros sinais da minha rebeldia manifestaram-se tinha eu oito anos, havia um ano que fora obrigada a entrar na Mocidade Portuguesa.

Minha Mãe recorda-se de tudo. Conta-me como as minhas pequenas pernas encontraram força para subir a uma cadeira, como os meus pequenos braços se esticaram duas vezes o meu tamanho e que, de alguma maneira, alcancei o retrato de Oliveira Salazar e o deixei despedaçar-se no chão da sala de aula. Conta-me que me desfiz em prantos quando o professor me bateu com a régua, que os meus pés descalços marcavam o chão de escarlate quando cheguei a casa, e que meu Pai me espancou ao som das suas súplicas agudas “É só uma criança, não sabe o que faz!”. Meu Pai respondia-lhe com uma bofetada de vez em vez, “Criaste uma criança mal-educada, mulher”. Minha Mãe conta-me que ofendi o nosso líder, mas que me arrependi e aprendi.

E eu guardo para mim que não foi bem assim. Guardo para mim que adorei ver o quão frágil era a vidraça que protegia o retrato *feito*. Guardo para mim que soube bem escutar o tinido dos vidros a estilhaçarem-se. Guardo para mim que me senti

vigorosa, poderosa ao presenciar o que as minhas pequenas mãos podiam fazer. Guardo para mim que apreciei ver a cara rechonchuda de meu Pai virar um balão vermelho, quando recebeu a notícia de desobediência da filha mais nova.

Para minha Mãe foi demais, uma decepção. Nunca um filho seu tinha sido expulso da escola! E eu... bem, eu queria mais. Depois deste episódio, aprendi, tal como minha Mãe conta, aprendi a guardar as minhas vontades para mim.

Quando dei dez voltas ao sol, esperava-se que eu largasse a escola e trabalhasse, assim como a maioria das gaiatas da minha idade. Mas decidi continuar na escola. Execrava o manual, execrava o professor, execrava os castigos, mas continuar na escola, para mim, valia muito mais do que todos esses meus desgostos. Meu Pai não aprovava, mas como eu me havia “deixado de maluqueiras” e não mudava de ideias nem com a sua mão pesada, permitiu que continuasse os estudos, conquanto ajudasse minha Mãe nas tarefas de casa, tal como as minhas duas irmãs mais velhas.

Com doze primaveras, conheci a nova vizinha da família, no mesmo dia em que conheci o meu novo irmão. Chamava-se Amélia – a vizinha, não o meu irmão –, era uma velha caduca e vivia numa casa bafienta mais velha ainda, mas os seus olhos chamaram-me à atenção; aqueles seus olhos verdes, imensamente grandes e enrugados, carregavam o mesmo *brilho* que os meus refletiam no espelho. Houve então uma fagulha de reconhecimento entre aquela velha razinza e eu, uma simples rapariga que queria *mais*. A minha família estava tão focada no novo rebento, que nem reparara que eu usurpava o miolo do pão para embrulhar o farnel à Sra. Amélia, como desculpa para a olhar e contemplar aquele brilho que não conseguia decifrar. Nem repararam, no meio dos cinco filhos, que eu me escapulia

nos dias de igreja para ocupar a manhã com as histórias de um *passado* e de um *futuro*, que Amélia contava com determinação vincada no rosto e no olhar, pousando, por vezes, os olhos inquietos e absortos sobre a mesa, procurando por entre as ranhuras da memória.

Aos treze anos, o meu corpo era o de uma mulher, e meu Pai sonhava com os futuros pretendentes. Minha Mãe arastava-se, chorosa, pela casa, depois de o meu irmão mais velho, o Manel, ter partido para uma guerra que mal começara. E murmurava que era eu o seu único consolo: “Minha Aurora! Tão bela... uma Mulher feita. Dará ao marido os filhos mais lindos!”. Claro que, por mim, não haveria nem marido, nem filhos. Eu vivia pelas palavras proibidas da Sra. Amélia: “Qual «Deus, Pátria, Família», qual quê!”.

Adorava ser testemunha daqueles protestos só permitidos entre quatro paredes, longe dos bufos da PIDE, “Julgam que somos umas desgraçadas desobedientes. Pois ora, eu posso ser desobediente. Mas desgraçada é coisa que não sou, muito menos por não estar presa a um homem! Mal tenho dinheiro para comer, mas sou senhora de mim!” Eu bebia as suas palavras tristes, como se fosse aquilo de que necessitava para viver e agraciava-me por saber que meu desejo por algo além, minha *inquietação*, qual nunca soubera rastejar invisível por minha pele, estivera correta.

A esta altura, já acumulava em baixo dos cobertores dezenas de livros, jornais e revistas – que agora sei serem ilegais –, e tornava-se cada vez mais difícil esconder a minha sede por *mais* do que uma vida presa a um trabalho indigno, com um salário miserável, uma casa para cuidar e um marido a quem devia obediência. As minhas visitas à Sra. Amélia foram-se tornando ainda mais frequentes, mais esclarecedoras. Amélia

conseguia imaginar um mundo que ainda não tinha vivido, mas ansiava um dia viver “Acredito que um dia, a justiça irá ser feita por todas as mulheres... por todos”. E eu punha-me a sonhar com esse dia. Punha-me a sonhar que podia votar numa mulher para a presidência, e que, quando olhasse para o seu retrato pendurado na parede, veria aquele *brilho* nos seus olhos.

Quando fiz catorze, a minha irmã Margarida casou. A casa já não aparentava estar tão cheia quanto antes, e consequentemente, os olhos de meus pais já não tinham o dever de cobrir tantas cabeças. Tornava-se assim, muito difícil manter em segredo a minha desobediência. Sumia-me como conseguia, quando conseguia, para encontrar a Sra. Amélia. Encafuava os livros em todos os cantos, longe das vistas. Matava-me aceitar uma vida indouta quando conhecia o vislumbre da veracidade, mas acatava as ordens, calada e obediente. Oprimia-me como uma mulher era educada para ser. Estava sempre a fingir, a apreender aquele pequeno grande monstrinho dentro da seguridade de meu íntimo, sempre pávida que ele me fosse escapulir acidentalmente. Quando minha Mãe me perguntava porque ainda estudava, em vez de me manter apenas com os ensinamentos da Mocidade – que eu, muito pouco contente, preferia ignorar –, dizia-lhe que, se queria encontrar bom marido, havia de ser na escola, porque os bons homens estudavam; quando a minha irmã me sentava diante de agulha e linha, dizia-lhe que era a minha ocupação favorita do dia; quando meu Pai me mandava, eu obedecia. Só não precisava fingir perto da Sra. Amélia, que envelhecia, fresca e enxuta.

Meu Pai faleceu no dia do meu 15.º aniversário, algo que nunca lhe irei perdoar. Sua morte súbita, sem aparente motivo, deixou todos aturdidos e minha Mãe viúva, desempregada e com o encargo de dois filhos, sozinha. No dia seguinte ao

enterro, encerrou-se no quarto por um mês inteiro e só saiu para se arrastar até ao casamento da minha irmã Maria do Céu. Durante o tempo em que minha Mãe usou para soluçar a morte do marido, encontrei-me sozinha, encarregada de uma criança de três anos — quase quatro — e uma casa para manter. Dir-se-ia que poderia ter-me feito dona de casa... Mas não, não. Odiei cada segundo. Jurei nunca casar.

Um dia, depois da escola, encontrei um bando de aves de rapina a espreitar pelas varandas das casas, em cochichos pela rua, numa confusão de gritos e aflições, foi quando vi a minha maior amiga, a minha maior inspiração, ser arrancada da sua própria casa à força, pelos esbirros da PIDE. A Sra. Amélia sorriu para mim; um sorriso triste, um sorriso de despedida. Durante um mês não saí do quarto, não fui à escola, não li; sabia que Sra. Amélia já não estaria na sala, em frente a um chá, com uma história pronta, um livro guardado algures na confusão do seu xaile e aquele *brilho* revolucionário nos olhos.

Anos passaram, até que minha Mãe recebeu a notícia que a levou a juntar-se a meu Pai, de tanto que foi o seu desgosto: o seu filho mais velho morrera na guerra, lá longe, em África. Eu já esperava. Manel começou por escrever todos os meses, depois as cartas chegavam mais espaçadas, mais curtas, até não chegarem mais. Assim, o meu irmão mais novo foi viver com a nossa irmã Margarida e a casa degradada sobrou para mim. Não a queria, mas lá me fui mantendo durante alguns anos. Certas noites, consumida pela saudade, lá espreitava pelo buraco da fechadura para dentro da casa da Sra. Amélia, mas via o espaço entregue aos ratos, ao pó e ao abandono. Todavia, nem tudo correu mal. Eu, que nunca abandonara a escola, ingressei no ensino superior. Não fui bem aceite no curso de Direito, como é óbvio, mas que podiam eles fazer? Matar-me? Desconfio que,

mesmo assim, nem isso me poderia parar. Quando decidi começar a minha revolta, tinha dois inimigos: o patriarcado e o colonialismo. Pintei murais, distribuí panfletos, participei e organizei manifestações. Com 20 anos, criei uma das primeiras organizações feministas do país, que contou com mais de mil ativistas, mulheres e homens.

Hoje, recordo todos os que me ajudaram a atravessar a fronteira, os que distribuíram jornais comigo, os que paravam os autocarros longe das paragens para que eu não fosse apanhada pela polícia, os que me emprestaram quartos e abriam portas de prédios ao ver uma jovem a fugir. Fiquei surpreendida ao perceber que havia toda uma rede de resistência mais subtil, mas nem por isso menos importante. A minha atividade clandestina durou três anos e, desejo, do fundo do meu coração, que a Organização Portuguesa pelas Mulheres (OPM) ainda esteja em atividade... Mesmo após eu ter sido capturada pela PIDE.

Por isso escrevo este texto, dentro de minha cela escura, depois de horas de tortura. Porque ser Mulher não é ser inferior. Não é justo... Para vocês, Mulheres: sejam uma Sra. Amélia neste Portugal sem luz. Desejo que sejam ferozes e que o *brilho* nos vossos olhos nunca se extinga. As vossas vozes podem mudar o vosso mundo! Para ti, um qualquer leitor que um dia se venha a deparar com isto: o nosso dever é tornar o mundo um lugar melhor para as mulheres e para os homens. Deixo aqui, então, minha história, nestas folhas, em Portugal e na memória de quem a ler. Lembrem-se: coragem hoje, abraços amanhã. Sigam sempre a vossa *inquietação*.

Enquanto as crianças brincam

SANTIAGO QUINONEZ

Ao entardecer de uma quinta-feira de julho, de 1937, Márcia regressa a casa com a sua maleta repleta de provas e testes do final de semestre. No caminho até casa, as conversas giravam entre temas do quotidiano e acabavam no discurso político, em que tudo se resumia a três coisas: “Deus, Pátria, Família”. Este era o Estado Novo. Não, este era o Portugal de Salazar.

Entra em casa e depara-se com os seus rebentos, na sala de estar, a discutir sobre o que seria o jantar. Sentiu-se como D. João VI, teve de pôr um fim àquela confusão e desarrumação. As crianças discutiam e argumentavam pois um queria peixe e o outro carne. Se a preocupação das crianças era a ementa, os adultos receavam o destino de suas famílias, da educação, do governo e tudo em sigilo.

Na cozinha, uma jovem recém-saída da infância, abre e fecha as portas dos armários, bate nas panelas e recita fórmulas matemáticas aplicadas às ciências sociais – “Água, feito. Panelas, feito. Massa quase pronta. Próximo passo? Preciso d’um molho, cum caramba. Onde temos o molho de tomate nesta casa? A mãe comprou? Estou frita, daqui a pouco ela chega e nem tenho a janta pronta! Por que seria que aquele guarda queria

bisbilhotar o que eu tinha na mochila? Nada que fosse de seu interesse, a não ser que gostasse de Camões e Fórmulas Matemáticas, mas acho que não!”

Márcia, calmamente, intervém e assume a preparação do jantar, pedindo à filha que tome conta e ajude os gêmeos nos trabalhos de casa. Enquanto esperam que a mãe termine o jantar, Sara pega nos livros de escola dos irmãos e treina com eles a leitura.

“La la li lala, ela ele eles elas, alto, altar, altura. Lusitos! Lusitas! Viva Salazar! Viva Salazar!” Era a tarefa para casa de Miguel e Leonardo. Sem gaguejar, declamavam as frases em Português. A seguir, teriam de recitar o “Pai Nosso” sem errar, na ordem correta, com entoação limpa e clara, saberem o tempo de colocação de cada frase e projetar a voz alto e com bom tom. Os rapazes sabiam que seria uma chatice, mas caso não aprendessem com Sara, teriam de aguentar a régua da Sra. Torres ou até pior, o ralhete da Mãe.

Após alguns minutos, Márcia chama a família para a mesa. À mesa, Miguel e Leonardo contam excitados como foi seu dia na escola. Márcia parece ouvi-los com atenção, contudo anda perdida nos seus próprios pensamentos: “Escola Primária Fontes Pereira de Melo. Escolhi esta escola pela localização, organização e estrutura, o nome limita-se a homenagear mais um político. Por mais que queiram restaurar o auge, de outros tempos, no nosso país, Portugal nunca esteve mais avançado nem mais seguro. Como se sete milhões de notas de cem escudos pudessem ser guardadas num cofre, secreto, escondido e vigiado 24 horas por dia, para que nada saísse do lugar, para que todas as janelas, todas as chaves e portas estivessem sob sua ordem e controlo”.

— Mãe, como foi o teu dia hoje?

— Normal. Introduzi os Descobrimentos e tive de ensinar um pouco além do prog...

Ouve-se um bater violento na porta. Sara e os gémeos assustam-se com a interrupção anormal, mas Márcia procura manter a sua posição de chefe da casa. Vai abrir, serenamente, a porta. Três homens fardados espreitam, vigilantes, para dentro da casa.

O oficial, à frente, pergunta se pode falar com o homem da casa. Márcia responde que é ela quem se encarrega da família, que já vive ali há muito tempo. O homem apresenta-se: “— Capitão Manuel Noronha. PVDE. Recebemos uma denúncia de atos ilegais contra o Estado e queremos revistar a casa antes de a prender...”

— Márcia Helena Garcia Tavares! – exclama o oficial.

— Espere, não é a filha do Coronel Garcia Tavares? – pergunta um dos oficiais.

— Ex-Coronel, aposentado. Eu sou professora, pertencço ao Ministério da Educação.

O Capitão espanta-se pela origem da denúncia, mas insiste em revistar a casa. A mulher pede para retirar primeiro as crianças. O oficial analisa a situação da suspeita, caso acertasse na denúncia poderia receber uma promoção e tornar-se-ia inesquecível, “uma filha comunista de um oficial respeitado, presa pelo grande Capitão Manuel Noronha!”. Mas se errasse, “eu poderia perder o emprego, seria perseguido pelos agentes do Estado Novo, o meu país, que tanto amo, voltar-se-ia contra mim. Não temo estar enganado, esta mulher não pode assustar um agente do Estado!”- o oficial reflete. Após calcular bem os seus próximos passos, o Capitão Noronha inicia a busca por provas concretas na casa.

Márcia traz as crianças para a rua e o oficial oferece-se para as levar para outro local, a busca poderia demorar. A mulher, consciente da sua posição e conhecedora desse jogo, decidiu mantê-las junto de si, não para as traumatizar, mas para lhes ensinar a realidade em que viviam.

Sexta-feira. 23:40, Rua de Santa Catarina. Na noite anterior, a mãe teve de acalmar os filhos contando-lhes histórias para adormecerem.

Agora, bate à porta da loja de sapatos. De dentro perguntam - “Em que posso ajudar?” Silêncio de exatamente três segundos. Márcia responde - “Rosas para nós, espinhos para eles”. - “Sê bem-vinda irmã, entra antes que alguém te veja”. Dentro, num salão, encontram-se pessoas de todos os tipos: donas de casa, operárias, costureiras, empregadas de sapataria, jornalistas... Todas “Rosas Vermelhas”.

— Camaradas, - começou Márcia - convoquei a reunião de hoje pois presumo que alguém desconfiou das minhas ações noturnas. Temo que consigam encontrar pistas suficientes para me prenderem. Já perdemos muita gente nestes últimos anos de luta contra Salazar. Sei que basta uma de nós para manter o sonho vivo, mas não é meu desejo que todas se sacrifiquem por mim. Não vou facilitar o trabalho dos carrascos da PVDE ou dos guardas do Aljube.

— O que estás a propor camarada? Todas estamos sob perigo constante de sermos descobertas. Algumas de nós têm filhos, sabemos, também, que aquilo que fazemos não é seguro, mas como atualmente o lema da “segurança” deles é neutralizar e matar aqueles de quem não gostam, ou têm ideias diferentes, e idolatrar esse homem como se fosse o messias, apenas por que criou uma bolha na economia e mudou algumas finanças,

não lhe dá o direito de ser um ditador. Estamos contigo irmã, do que precisas?

Márcia explica o seu plano arriscado para salvar os filhos. O seu irmão estará de visita a Portugal, chegará num barco da companhia, na madrugada de domingo, e poderia esconder as crianças entre as cargas com discrição e levá-las para o Brasil. O problema maior era ela não poder embarcar, uma vez que o seu pai, e os seus contactos no Estado, não iriam permitir que ela fugisse. Precisava de alguém para tomar o seu lugar, com documentos falsificados. As crianças teriam um futuro sem a mãe verdadeira, mas com liberdade e segurança, longe das disputas políticas e deste regime castrador. Uma das Rosas, Rita, ofereceu-se para acompanhar as crianças nessa viagem perigosa. Garantiria a sua segurança, mas nunca as deixaria esquecer a mãe e o sacrifício que fazia por elas.

No fim da reunião, Márcia, banhada em lágrimas, agradece à jovem Rita, encerrando a reunião e despedindo-se da organização secreta das Rosas Vermelhas – “Coragem hoje! Abraços amanhã.”

Domingo, 02:03, Praia dos Ingleses, Porto.

Márcia ouve os gritos e avista as lanternas. Ainda na praia, José, o seu irmão, abraça a sobrinha com força, protegendo-a dos polícias que ordenam a apresentação de documentos sob a ameaça das espingardas. Márcia tenta levantar os seus filhos para o barco, Rita tenta alcançar os gémeos, mas não o consegue a tempo. O capitão decide zarpar e o barco desaparece na neblina. Outro capitão encontra Márcia sentada na praia, banhada em lágrimas, com duas crianças abraçadas a ela, procurando conforto naquela madrugada tão fria, um frio mais psicológico do que real.

1948. Um amigo de José entra em casa, cumprimenta a esposa e, sem perder tempo, explica o que aconteceu à sua irmã.

Naquela noite de 1937, Márcia foi presa por cinco longos anos, num lugar ainda desconhecido, mas foi confirmado que foi “reabilitada”. Voltou a exercer a profissão de professora de História (no ensino secundário), mas teve de revelar provas, escrever textos extensos a favor do Estado Novo para a nova PIDE. Escreveu, nos últimos dois anos, três livros que comprovam, através de dados históricos, que o governo de Salazar foi o melhor que já existiu. Seus filhos foram deixados à guarda dos avós maternos, sendo o avô o responsável pela criação, educação e afastamento de Miguel e Leonardo da mãe, sem nunca saberem da verdade sobre o horrível domingo de 1937, pois tinham apenas seis anos.

Leonardo seguiu a paixão da avó, tornou-se filósofo. Escreveu poemas e livros sobre o amor a Portugal. Reescreveu, também, os antigos livros de sua mãe para salientar o papel do regime na atualidade. Contribuiu tanto na propaganda intelectual do Estado Novo, que Salazar enviou uma carta endereçada para Leonardo Tavares Cunha, a agradecer pela genialidade, grande suporte ao regime Salazarista e progresso de Portugal.

Miguel cresceu e continuou seus estudos no Colégio Militar de Lisboa e entrou para o exército. Sempre desejou “lutar pelo seu país e governo”, só não participou na Segunda Grande Guerra pois não tinha idade suficiente na altura. Em 1962 foi designado para a sua missão mais importante, Guiné-Bissau (África). Miguel Tavares Cunha saiu de casa cheio de sonhos, pensamentos, espírito, treino e estudo, muitos anos de esforço e dedicação. Da Guiné, em vez dele, apenas regressou, em 1964, uma medalha, polida, em ouro, pousada sobre uma almofada de cor forte, com uma mensagem emblemática, que milhares de outros povos receberam na última década. Milénio talvez...

Hoje, Sara Rosa Tavares Cunha responde à sua neta sobre o que foi a censura:

— A avó já está muito velha, mas há algo nela que nunca envelheceu e que aprendi sobre a vida, principalmente na minha juventude. Deves ter sempre consciência de quem és, nunca deixes que mudem o teu íntimo, o teu ser, ninguém pode mudar quem és por dentro, isso é o que mais importa – acrescentou em lágrimas.

— És corajosa como a tua bisavó, mesmo que não a tenhas conhecido, ela vive em mim enquanto eu me lembrar dela.

A jovem Bruna, confusa, pergunta sobre sua antepassada, uma vez que nunca tinha ouvido o seu nome na família, apenas nas orações de seu bisavô. Sara, a enxugar seu desgastado rosto, sorri, pois a sua felicidade vinha de memórias noturnas (sombrias e obscuras pelo tempo e traumas), mas assim como a mais densa das noites, a lua que foi Márcia brilhava e acendia-lhe o coração.

— Minha mãe teve uma vida difícil, sua família era complicada, dividida e falsa, como era de se esperar por aquilo em que fingiam acreditar. Ela foi professora, era dura como rocha e transmitia um pouco disso na vida materna, mas foi ela quem preparou aqui a tua avó para todas as dificuldades que tive de enfrentar. Foi ela quem me ensinou a ler os livros, não para recitá-los, pois era bonito aquilo que diziam, mas com sentido crítico. Ensinou-me a falar, para transmitir as minhas ideias e pensamentos, não para recitar aquilo que queriam que eu pensasse. E sempre que eu e meus irmãos tínhamos problemas hercúleos, ela confortava-nos com uma frase muito simples e prática – a senhora ri.

— Qual era?

— “Coragem hoje, abraços amanhã.”

Falsas esperanças

DUARTE DA MOTA GOMES

Termos ideias diferentes, contrárias às do Estado é muito perigoso. Podemos ser perseguidos e privados da nossa liberdade. Esta é a razão de toda a minha família ser sujeita a viver nesta mísera vida de perseguição e censura. Às vezes dou por mim a pensar no quão diferente seria a nossa vida se, simplesmente, não fôssemos privados de pensar de uma maneira diferente daquela que nos é imposta como correta, quão melhor seria a nossa vida se tal fosse permitido? Por certo irei morrer sem ver um futuro assim, mas, pelo menos, morrerei de forma digna, lutando pelos meus princípios e com esperança de que os meus sucessores vivam num mundo melhor do que o meu.

Dia 14 de janeiro foi o dia em que me arrancaram de casa e me trouxeram para aqui. Lembro-me do som do arrombar da porta, dos gritos dos homens da PIDE, de ver a minha casa a ser revirada; eu sabia que aquele dia, eventualmente, iria chegar, apenas ignorava que não estava preparada para ele; recordo, apenas, os eventos daquele dia como um pesadelo sem sentido, não sei quantos dias se passaram, mas dei por mim numa cela escura, apenas com uma janela no topo da parede. Não conseguia ver nada do que acontecia lá fora devido à diferença de

altura, mas a luz que entrava por aquele buraco já era suficiente para mim. De madrugada comecei a ouvir barulhos vindos da parede à minha esquerda. “Toc, toc, toc”. Pensei que estaria a alucinar por não comer há algum tempo, mas os barulhos intensificaram-se. Reparei num pequeno buraco que ligava a minha cela à do lado. Baixei-me e perguntei:

— Quem está aí?

— Finalmente uma resposta! Eu sou a sua colega da cela ao lado. O meu nome é Maria de Jesus Pato, mas visto que somos “vizinhas” pode-me tratar apenas por Maria! E posso ter o prazer de saber o seu nome?

— Flora Carlota Alves... sabe-me dizer onde estamos e há quantos dias já estou aqui!?

— A senhora chegou há dois dias, Dona Flora, e estamos na Prisão de Caxias.

Meu Deus era o que eu temia. Ponderei a possibilidade de estar em todas as prisões políticas que me vinham à memória, mas, definitivamente, a que eu mais temia era a de Caxias. Nunca tinha estado nesta prisão, apesar de já ter estado em todas as prisões possíveis desde 1951, mas, dado que o meu falecido Francisco faleceu cá, em 46, sempre fui consumida por um grande ódio e repugnância por este sítio. Nunca me foi dada a oportunidade de visitar o meu marido e apenas fui avisada da morte dele um ano depois do ocorrido. Falei com a minha nova colega durante a noite. Ela, como eu, foi presa por ser também apoiante do partido comunista. Descobri que ela não tinha família e já estava presa há um ano e seis meses. Disse-me que, como ela, existem dezenas de outras mulheres que foram presas por crimes políticos, mas que todas têm um sonho em comum, evadirem-se da prisão. Fui convidada a participar desse acontecimento e, claro, sem hesitação respondi que sim, que

queria fazer parte; a sensação de poder fazer frente ao que me tirou parte de mim tomou conta do meu corpo. Maria avisou-me dos riscos, mas eu estava disposta até a morrer. Sei que a minha família se iria desenvencilhar sem mim. O meu filho já tinha tomado a posição de homem de família e, tendo todos crescido neste mundo, sei que tudo iria correr bem para eles. Esta é única maneira que tenho de me rebelar contra este mundo cruel em que vivemos, pensei.

Três meses se passaram desde então. Conheci outras reclusas da prisão, uma de quem me tornei também particularmente chegada, para além da minha colega do lado esquerdo, foi a senhora Herculana Dias Carvalho, residente da cela à direita da minha. Ela, como eu e a Dona Maria, também era apoiante do partido comunista e também tinha perdido o marido para a o Estado Novo. Estas coincidências facilitaram a nossa relação enquanto viúvas. Todos os dias tínhamos uma hora de convívio com todas as reclusas das outras secções da prisão. Usávamos essa hora para planear a revolução, discutirmos a melhor maneira de executar o plano para que fosse ser algo marcante, que conseguisse fazer frente à imponente que a prisão de Caxias representava para o Estado Novo. Ao fim de três meses tínhamos montamos um plano que achámos perfeito. O plano tinha em duas fases; a primeira era ainda dentro da cadeia, no dia 26 de junho, uma reclusa iria fazer explodir as garrafas de gás da ala norte da prisão, a meio da noite. Isto era possível porque as casas de banho da ala norte (ala feminina da prisão de Caxias) ficavam juntas ao depósito de gás. Esta explosão iria exigir a mobilização de todos os guardas da prisão para o local, o que nos daria tempo, e às restantes reclusas, para sairmos das nossas celas. Estávamos convictas do sucesso pois uma das nossas companheiras é mulher de um chaveiro, estando,

assim, familiarizada a trabalhar com fechaduras. Ela conseguia abrir as portas apenas com um clipe. Logo que estivesse fora da cela ajudaria as outras a escapar; começava, logo de seguida, a segunda fase do plano. Já fora das celas, e sem nenhum guarda a vista, iríamos para o átrio principal, que fica do outro lado da prisão, na ala sul, onde estavam os veículos da PIDE que usaríamos para fugir.

Aguardávamos ansiosamente a chegada do dia D. Durante este tempo de espera, comecei a notar a ausência da Dona Maria nas reuniões. Havia noites em que ela nem se encontrava na cela. Comecei a ponderar a hipótese de ela, talvez, ter sido isolada na solitária. Apenas desejava que não lhe tivesse acontecido o pior...

O dia D chegou e nunca mais tive notícias da Maria, nem quero imaginar o que lhe possa ter acontecido. Mesmo com este transtorno o plano não podia parar, mentalizei-me que faria isto não só pelo meu marido, mas também pela minha colega.

A meio da noite ouvimos a explosão, a explosão que marcava o começo do plano, a explosão que marcava o que podia ser o início da nossa liberdade, mas algo estava estranho entre os guardas. Em vez de se dirigirem para a ala norte, dirigiram-se para a ala sul, apesar da explosão, claramente, ter vindo da ala norte. Mas não podíamos parar o plano que já estava em prática, com todas as reclusas já fora das celas. Corremos para o átrio principal e, chegando lá, nem queria acreditar no que via. Os guardas estavam todos lá de armas apontadas para nós, o medo e o calafrio que senti pelo corpo todo, a visão de todas as armas apontadas para nós e, no meio dos guardas, estava ela, aquela a quem confiei a minha história de vida.

Pois é, quando me diziam que a PIDE tinha agentes em todo o lado não mentiam. Fomos todas, novamente, presas

e mandadas de volta para as nossas celas de onde estou a escrever isto. Passaram dois anos desde o dia D, agora apenas posso esperar que outros tentem acabar o nosso trabalho de rebelião.

Tão frágil

MANUEL ABRANTES

Tenho muita sorte. Bem sei que tenho. Há quem esteja encerrado numa casa fria e húmida. Há quem esteja pior ainda. Há quem se apoquente com o emprego ou com a falta dele, mais as crianças frenéticas a exigir atenção... Não digo que a solidão seja fácil, nunca foi, mas permite-me pelo menos manter uma certa ordem. Dá-me tempo para arrumar os objetos, dá-me tempo para arrumar os pensamentos. Uma sensação de segurança, que outra coisa procuramos? Se me sinto realmente segura, não sei. As notícias na televisão causam arrepios. Os números cravam-se na nossa mente, mesmo quando não temos a certeza de os entender com precisão. Quantos milhares? Quantos dias? Mas escuto as orientações e cumprio-as à risca. Saio do apartamento uma ou duas vezes por semana se tanto. Faço as compras, dou uma volta ao quarteirão e pronto. Chego a casa exausta. É da idade? É do medo? Fico sempre com pena de não ter caminhado um pouco mais. E caminhar para quê? Não vou deter-me no passeio para dois dedos de conversa. Não vou sentar-me no café a ver passar a vida. Esquivo-me dos outros transeuntes com os meus passos curtos de velha. Subo as escadas ofegante e dou-me por feliz de ter esta cama, este sofá, uma cozinha, as plantas, um refúgio só meu.

Eles entravam sem aviso, entravam de rompante após muitas horas de silêncio, escancaravam aquela porta tão detestada e mandavam-me comer, mandavam-me beber, pouco importava o que eu respondesse ou o que eu pedisse, uma bacia para me lavar por exemplo, caneta e papel para escrever por exemplo, nem pensar, nada traziam além dos mantimentos mínimos para eu não morrer, nem roupa limpa, nem livros, de maneira que a dada altura eu já não proferia palavra, já não me movia quando eles entravam, já não os olhava, estas coisas o corpo aprende-as mais depressa que a cabeça, a cabeça essa continuava a atormentar-se com o que seria do meu filho naqueles dias, como era possível eu estar trancada num cubículo a feder a esgoto e a suor, quem tinha falado, quem cometera o erro, por que não conseguira eu perceber a tempo que estava sob vigilância, mais valia remoer culpas do que deitar-me a adivinhar o que aí viria, o corpo inteiro tremia-me de antecipação, os sentidos procuravam algo de concreto a que se aferrar, o zumbido das moscas, o baldio vislumbrado pela pequena janela gradeada.

Tento distrair-me. É o mais importante, dizem. Obrigome a prestar atenção à telenovela. Paisagens magníficas, um faustoso almoço de família, estala a discussão sobre a herança... Mas quem é capaz de se concentrar nestas coisas? Antes ligar a telefonia. Música, sim. Fecho os olhos embalada pela orquestra. Depois, trauteando uma toada antiga, levanto-me e vou regar os vasos da marquise. Belas e inocentes são as plantas. Arrisco mesmo uns passos de dança. O receio de me desequilibrar trava a ousadia. No caso de uma queda ou de uma entorse, quem me acudiria? No hospital têm mais que fazer. O meu filho zanga-se. Cansada, estendo-me na cama. Mas não devo dormir durante o dia, se dormir à noite já é o cabo dos trabalhos... Agarro-me ao telefone. Chamadas de curta distância, chamadas de longa

distância. As vozes incertas de parentes e de amigos, os que sobram. Conversas confusas, muito complexas, muito agitadas. Há teorias. Há previsões. Há desespero. Há mortes sem funeral. Uma tarefa corriqueira na cozinha é o que me pode valer. Vou preparar – uma sopa? Um bolo? Para quem? Só para mim não vale a pena. Não vou desperdiçar o que tenho só para manter as mãos ocupadas. No relógio de parede, nem as três da tarde bateram ainda. Tanto tempo pela frente. Até quando, ninguém sabe. Por um momento, o futuro ergue-se esmagador diante de mim.

Anunciavam que era hora de me levar e metiam-me na carrinha, eu queria ir pelo meu pé mas teimavam em segurarme pelo braço à semelhança de uma pobre ensandecida que pudesse desatar a correr a qualquer momento mas como sentada na carrinha entre os homens, mas como na escadaria estreita, mas como na assoalhada sem janelas, um compartimento penumbroso no qual se discernia pouco mais que vultos, vultos a tresandar a água de colónia e a cigarros, as mesmas perguntas uma e outra vez e eu no mais profundo dos silêncios tentando dominar os nervos para urdir uma estratégia, a primeira bofetada na cara apanhou-me de surpresa, à segunda e à terceira o que me espantou foi o crescendo de força com que me atingiam, tudo isto porque insistes em não falar, só nos fazes perder tempo, grande puta, em vez de estarmos aqui devíamos estar lá fora a resolver problemas sérios, escusas de te armar em mártir, pensas que não nos contaram já quase tudo, a camarada que te denunciou também se fez de forte ao princípio, não durou muito, quando não se vai lá com palavras vai-se lá com os punhos, bastou que lhe saltassem os primeiros dentes para começar a vomitar nomes, vê lá tu, e eu calada até que um dos homens perdia a paciência e puxava-me pelos cabelos e explicava que não se tratava apenas de mim, havia mais em jogo, não pensava

eu porventura no meu filho, pois eles sim, pensavam, não lhes custava nada ir buscar o miúdo à ama, sempre queremos ver o que achas, o pai da criança sabemos que se está nas tintas, a esta hora já se pisgou para o estrangeiro que é onde acabam sempre os maricas dos clandestinos, francamente dá pena, uma criança ao Deus-dará, o melhor mesmo é entregá-lo a uma família de bons costumes que o eduque, por este andar não vais poder sequer despedir-te dele, só queres saber de ti, uma corja nojenta é o que tu e os teus camaradas são, não se contentam em destruir a vossa vida, têm de destruir as vossas famílias também, grandíssima cabra, vamos lá resolver isto a bem se não o queres resolver a mal.

Pela vidraça da marquise interna-se o sol de Inverno, tímido, tão desejado. Sentada à mesa da cozinha, volto o rosto para o céu límpido lá fora. Eis que se abre uma janela do apartamento ao lado do meu. Eis que se debruça sobre o parapeito uma mulher. É uma mulher jovem ainda. Toda a gente me parece jovem hoje em dia. Enquanto observo os gestos ágeis com que ela pendura no estendal a roupa lavada, é a minha própria ignorância que me perturba. Sei tão pouco acerca da mulher de quem sou vizinha há anos. Nem a idade, nem se trabalha ou procura trabalho, nem se estudou ou gostaria de estudar. Menos saberá ela a meu respeito: as velhas não suscitam sequer uma curiosidade passageira. Há muito tempo, questionei-me sobre as mulheres do outro lado da parede. Quem seriam. O que estariam a sentir. Quais os seus suplícios. Por todas elas me afligia. Não acreditava que cedessem. E se cedessem? Como poderia eu julgá-las? Mas havia que alimentar a esperança, a mais remota das esperanças. As portas abertas, um dia; a liberdade possível; qualquer sofrimento melhor que aquele. Acreditar em Deus teria ajudado. Mas nenhuma entidade onipotente nos podia

salvar. Dependíamos apenas de homens e mulheres, como esses homens e mulheres dependiam de nós. Isso nunca mudou.

De súbito as pernas encharcadas, de súbito uma fraqueza invencível, a voz reduzida a um gemido de desnorte, socorro, socorro, o sangue a escorrer-me, o pânico de morrer sozinha num cubículo infecto até uma das guardas surgir à porta e bradar para as colegas que não se preocupem, são só as regras, esta desgraçada não avisa nem nada, depois há de ser ela a limpar a porcaria que fez, embora uns momentos depois, ou umas horas depois, não sei com exatidão, a mesma mulher tenha reaparecido para averiguar se eu estava bem, uma mulher mais velha que eu, trouxe-me água e papel higiénico, talvez debaixo da selvajaria existisse uma réstia de humanidade mas uma pessoa duvidava quando era levada para novo interrogatório e de novo as perguntas, de novo as bofetadas, socos no estômago, socos nas costas, nos intervalos uma guarda postada ao meu lado para me impedir de adormecer, para me impedir de cair, para me impedir de me acocorar a um canto, essa é que era boa, ficas aqui sentada ao centro para te vermos como deve ser, eu a tatear no escuro sem nada a que me apoiar, uma cotovelada nas costelas tirou-me o fôlego, a custo procurei recordar os motivos por que nos faziam aquilo, por dizermos o que pensávamos, por escrevermos aquilo em que acreditávamos, por pensarmos livremente, por termos esperança, sim, era a esperança que eles não toleravam, e eu dava por mim a trautear uma toada da moda até que recomeçava a litania horrenda, só depende de ti, isto acaba quando quiseres, basta que nos expliques o que aconteceu, quem te recrutou, onde ias buscar os folhetos, como tencionavam usar os explosivos, basta que assines esta declaração com a qual já te facilitámos o trabalho, se não te preocupas com o teu filho preocupa-te contigo mesma, nós acabamos por chegar

a toda a informação dê por onde der, e a litania continuava e continuava e continuava comigo a tombar e eles a levantar-me, comigo a desfalecer e eles a despertar-me, anda lá, querida, tudo isto está a tornar-se ridículo, só precisamos de um nome e deixamos-te ir, não somos más pessoas, são as ordens que temos, com a tua cooperação fechamos o assunto e vamos todos para o quentinho das nossas casas, que mais queres, e um deles puxava ruidosamente o muco garganta acima e cuspiame no rosto, pela coxa subia-me a mão de outro, perguntas, gritos, dias e dias nisto e eu sem poder dormir um minuto que fosse, dedos a tamborilar na mesa, uma lanterna que me era apontada aos olhos, criaturas monstruosas a emergir das paredes, raízes de árvores a crescer tão depressa que rebentavam os ladrilhos do chão, o meu corpo tomado por espasmos, os meus pés inchados, a minha cabeça a arder, vômitos e nada saía, uma secura de deserto, nem saliva, nem lágrimas, quem sabia por quanto tempo, por quantos meses, por quantos anos, para sempre?

Devagar, levanto-me da cadeira. Avanço para a vidraça da marquise. A vizinha está a pendurar no estendal as últimas peças de roupa. Os meus passos serenos disfarçam a emoção, a estranha turbulência que me impele para diante. Júbilo. Pavor, também. Tenho muita sorte. Estou viva. E, no entanto, tudo isto é tão frágil – eu, a minha vizinha, o mundo inteiro –, tudo isto é tão frágil e tão inacreditável, tão inesquecível, tão difícil de contar. Quando abro a janela, sou envolvida bruscamente pelo vento frio e pelo cheiro cândido do Inverno. Da sua janela, a vizinha ergue a cabeça para mim com a perplexidade de quem vê alguém pela primeira vez. Deve ser também essa a expressão que ela encontra no meu rosto. E sorrimos.

A caixa de música

CLELIA BETTINI

Naquela manhã de Setembro de 1944, Carla levantou-se cedo. Correu para a cozinha, ou melhor para aquilo que restava da grande cozinha da velha casa rural, onde antes da sua chegada já tinham passado os Mauser e as metralhadoras nazis. Quando entraram na primeira noite, encontraram os corpos das crianças ainda estendidos no meio do chão, com as caras devastadas. – Estes merdas não têm nem uma gota de humanidade, que o diabo os leve! – exclamara Carla, entre o horror e a raiva, ao ver aquelas pequenas pernas abandonadas, as meias rotas, a carne que já carne não era. Ao lado daquela que parecia ser a filha mais velha havia uma caixa de música. Carla pegara nela com cuidado e dera-a ao miúdo, talvez para o distrair, ou para se distrair a si própria, não saberia dizer.

— Toma, pequenino, olha que bonita!

Apesar dos esforços de Carla, a imagem daquela família trucidada nunca a abandonava, povoava os seus sonhos agitados, turbados pelo canto noturno dos noitibós, e as longas esperas às quais a guerra obrigava as quatro mulheres e o menino já há cento e três dias: contara-os ainda na véspera, há cento e três dias que estavam ali metidas, no meio da montanha, e o

Outono a começar. O Monte Sole, que as observava quieto do outro lado do vale, cintilava de geada matinal.

Ajeitou a lenha na grande lareira, primeiro a média, por cima a pequena, que deixara perto do lume na véspera, para que toda a humidade secasse. Não podiam usar papel, todo o que possuíam tinha que ser guardado na eventualidade de precisarem de escrever algo para o mundo lá fora. Procurou os fósforos, no esconderijo do costume. Encontrou-os, acendeu um e pegou fogo a um montinho de folhas secas, na esperança de que isso chegasse para aquecer a lenha pequena até ao ponto de combustão. Os pulmões doíam-lhe cada vez que inspirava, o ar era necessário para viver, mas a vida doía como nunca naqueles dias. Carla, Egle, Sara e Anna, com o pequenino, viviam há mais de três meses como animais selvagens, enfiados na velha Casa da Faia, como lhe chamavam, porque uma enorme faia se erguia poderosa a dominar a eira onde outrora pessoas trabalharam e dançaram na altura das ceifas.

O fogo crepitava, fazia companhia à solidão de Carla que com gestos silenciosos – habituaram-se todas a fazer sempre o menor barulho possível, como se milhares de ouvidos estivessem em permanente escuta – arrumava os restos do magro jantar da noite anterior. Logo que o lume teve força suficiente, Carla pôs a água a ferver para o café de bolotas torradas, a substância do pequeno-almoço da Casa da Faia. Não tirava o sono, mas ao menos era uma bebida quente e escura, servia para enganar a vista e o estômago.

Egle apareceu encostada à ombreira da porta, os olhos em chamas pela febre que a consumia, mas o sorriso branco da juventude parecia fazer troça daquela miséria toda.

— Então Carlinha, dormiste bem? Eu sonhei com os *anelletti al forno!* *Maria santissima*, que maravilha! Estávamos

todos juntos à mesa na nossa casa de Palermo, eu, a mãe e o pai, as minhas irmãs, e todos comíamos uma gigantesca travessa de massa, carne, ervilhas e queijo! Ainda tenho aquele cheiro delicioso nas narinas...

— Senta-te Egle, não te canses, que logo à noite não vai ser fácil. Temos que ir avisar o Lupo de que as colunas inimigas já andam perto, a notícia é certa, temos que subir até o acampamento. Bebe o teu café, toma. Não será grande coisa, mas sempre é melhor do que a lavadura que comemos ontem à noite. Juro que quando esta merda acabar, nunca mais vou comer cebolas, nem tremoços! Amargos como o fel, sem o sal p'ra os curar, como esta guerra maldita.

Carla e Egle tinham-se encontrado por acaso, porque a vida é uma questão de coincidências e responsabilidades, e cada uma delas tivera as suas. Fora numa noite de Junho, no meio da montanha. Havia centenas de pirilampos e parecia um milagre no meio de toda aquela situação. Num primeiro momento cada uma assustara a outra, vultos na noite fresca, ameaça permanente, a Linha Gótica ficava a menos de 10 km. Carla matara quatro soldados nazis naquela manhã, miúdos pele de porcelana dentro de fardas que talvez nem quisessem vestir. Sentia-se pronta para tudo, feita máquina, resquício de humanidade. Egle trazia gravada na cabeça uma mensagem em código para a Brigada *Stella Rossa* e o comandante Lupo, vinda dos camaradas das Brigadas da Toscana. O Cão-Kesslerling guiava as suas tropas de assassinos em direção a Norte, não tardariam a chegar ao Appennino. O inimigo preparava represálias, alerta máximo para a população, cada vez que os *cães-pardos* apanhavam um desertor ou um *partigiano*, era logo fuzilado em frente a todos os civis.

O encontro estava marcado ao lusco-fusco, debaixo de uma grande rocha coberta de musgo. Após a inicial desconfiança,

abraçaram-se. Egle transmitiu de imediato a mensagem, como se quisesse sacudir do corpo o risco de prejudicar o Lupo e os seus com a própria morte. Carla estava a ouvir com atenção as palavras sussurradas por Egle, quando uma rajada metálica fendeu o ar silencioso da noite de verão. Ambas as mulheres ficaram imóveis, os sentidos em alerta. Depois de dez, talvez quinze minutos de absoluta imobilidade, levantaram-se rápidas, lebres de bosque a correr pela encosta acima. Mais uma execução, os corpos amontoados no chão, familiares e amigos obrigados a olhar. Só uma mulher parecia não se curvar debaixo do peso daquele horror, hirta e firme enfrentava o olhar dos *cães-pardos*: era pequena e muito magra pelas privações de tantos meses. Um rapazinho moreno escondia a cara no seu regaço, devia ter uns oito anos de idade. A população recolheu mesta, derrotada, atrás dos homens de aço e dos seus Mausers. Ficaram só a mulher pequena e o filho, como encantados, parados no meio da noite escura, ao pé dos corpos. Egle e Carla saltaram foram do seu esconderijo e num instante estavam ao lado da mulher.

— Como te chamas, mulher? – perguntaram.

— Anna – disse ela – chamo-me Anna, e este é Pier Giorgio, o meu filho. Somos só nós, o meu marido não sei onde está, desertou e foi fazer a guerra com os ingleses, depois do armistício de 8 de Setembro. Somos só nós, ele só me tem a mim e eu a ele.

O menino não falava, nem chorava. Parecia que nem estava a respirar, estava como paralisado pelo horror.

Desde aquela noite de Junho as mulheres e a criança tinham ficado sempre juntas, uma vez que voltar para qualquer uma das povoações da zona se tornara demasiado arriscado. Entre morrer e viver a morte de outrem a cada dia, não há muito diferença e aquela criança tinha que sobreviver àquele tempo de morte e sangue coagulado. Era o pensamento que as

mantinha vivas a todas. Primeiro foram ter com os homens da *Brigata Stella Rossa*. Carla e Egle transmitiram o aviso ao Lupo, mas os homens não quiseram que ficassem com eles, a Brigada não era coisa de mulheres, diziam, e muito menos de crianças.

Refugiaram-se na Casa da Faia depois de várias noites ao relento e vários dias passados a observar a casa de longe, quando pela ausência de animais e de fumo a sair pela chaminé, perceberam que ninguém habitava a casa. Sepultaram os mortos, arrumaram a desordem e gritaram de alegria quando encontraram as reservas alimentares daquela família, que os *cães-pardos* não tinham conseguido descobrir. Agradeceram em silêncio à generosidade e à resistência daquela família do Appennino, agricultores e pastores antigos como o mundo, que mesmo depois de mortos continuavam a ser generosos. E foi então que apareceu Sara.

Alta e esguia, a cara bonita, embora cavada pela fome. Sara chegou numa manhã de Julho, um calor irreal assolava a eira, e as três mulheres e a criança tinham-se refugiado à sombra da grande faia. Ninguém ouviu Sara a chegar: de repente estava lá, como um fantasma. Por primeira coisa, pediu água. A seguir desmaiou, mas antes de perder os sentidos, ouviram-na pronunciar claramente estas palavras: a Fábrica de Arroz. Quando retomou conhecimento, Sara explicou que viera do Norte, de Trieste, sempre caminhando. Não sabia como e porque ainda estaria viva, ao ponto que várias vezes, na longa jornada que a tinha levado até aí, chegara a pensar que estaria morta, que tudo aquilo que via e vivia era um engano. Eram pensamentos blasfemos, ela sabia disso, mas onde estava o Senhor nisto tudo?

Sara contava pouco da Fábrica de Arroz, mas Carla, Egle e Anna perceberam que os rumores que tinham ouvido eram

verdadeiros. Algures havia campos de internamento criados ainda pelo governo de Mussolini, onde juntavam judeus, opositores políticos, ciganos, homossexuais. Inicialmente eram enviados para a Alemanha, para os campos de extermínio, mas agora já não havia tempo, matavam toda a gente ali, na Fábrica de Arroz de San Sabba.

Ao longo daqueles cento e três dias, as quatro mulheres e a criança tinham-se tornado uma comunidade. Tinham dividido tarefas e responsabilidades, apoiavam-se mutuamente, tinham criado os seus ritos e as suas celebrações, que marcavam o compasso daquele tempo que parecia eterno. A Casa da Faia era o mundo, o único que valia a pena conhecer.

Já estavam todas acordadas naquela manhã de 29 de Setembro de 1943. Os noitibós não tinham deixado dormir ninguém, nem o pequenino, o único que o sono conseguia derrotar de forma definitivas todas as noites. Andavam doidos os pássaros, emitiam os seus *erreerreerrr* desesperados e batiam as asas, voando perdidos de um lado para o outro do bosque. Pier Giorgio andava como sempre com a caixa de música nas mãos, pequenas palavras impercetíveis, brincava com as duas crianças que ali habitaram outrora. Encantado com a melodia e a pequena bailarina que rodava por cima de um pequeno pedestal, não parava de lhe dar corda, sentado ao pé da mãe que estendia a roupa do grupo no sótão, para que não apanhasse humidade na noite seguinte. De repente ouviram gritos em alemão: Anna pegou na caixa de música e parou a bailarina. Olhou para o filho e ele percebeu o pedido de absoluto silêncio.

— *Nein, da ist sonst niemand drin, Commander.*

Anna viu as amigas subirem silenciosamente na camioneta e sentarem-se, o meio de outras mulheres e de outros homens. Aguentou um grito de desespero, mas não tirou os olhos

da coluna de veículos que avançava na estrada para Marzabotto. Apertou mais uma vez a cabeça do filho contra o seu regaço, assobiando baixinho a melodia da caixa de música.

Coragem

FRANCISCO MOURA RÚBIO

1.

As minhas pálpebras e o fogo trémulos e ninguém notava. Ainda o cheiro dos ossos queimados do avô Cândido, espalhado pela chaminé nervosa do cemitério dos Olivais, não tinha desabitado os narizes da família e já nos encontrávamos, quais necrófagos, esvaziando e remexendo os seus fragmentos materiais. Calma, avô, a casa ainda não está a arder. Um murro na mesa e, eu parto esta merda toda, ouviram?, os talheres e os pratos a tilintar sob a toalha de pano incendiada por pequenas fagulhas cinzentas. Cuidado, o teu coração também é de loiça, avô. Apesar de morto, as suas palavras continuavam a recortar-se na boca da família, Agora é que a coisa ficou preta, diziam. Tecidas as mesmas palavras, todas choradas sob um vinho derramado com objectivo certo: não meditar sobre a única aposta certa na vida. A casa desenhada na periferia de Lisboa era o posto de comando dos costumes que construíram, e mais tarde destruíram, cada um de nós. Para o cândido avô-sargento-mor o assunto era claro. Aos homens: se me aparecem aqui de brinco, rabo de cavalo ou com um paneleiro já sabem, ficam à porta; a nós colocava os pontos à frente dos is: nada de minissaias ou *piercings*. E alguma vez ele esperou que eu fosse lá almoçar

com a Virgínia? Nunca! Mas afinal o coração amolecido pela neta, parecido com o amor tatuado no braço direito, a agulha e tinta-da-china, junto ao nome do segundo maior país africano que não conseguia apagar, impediam-no de mandar a Virgínia para a sua terra. Até falas melhor que as pretas de lá, descaiu-se Cândido. Aprendi esta palavra – preta! – ainda nem sabia escrever família ou país. Se pudesse tinha mutilado tal palavra do dicionário do cândido avô. Na memória arrumamos apenas as palavras com sabor a dor de ouvidos. A minha pele encolhia-se sob os ecos dessa palavra veloz – preta! – disparados pela boca do avô e nem sabia explicar porquê. O meu corpo sob um abismo, apesar de não me enquadrarem nessa categoria: de cor. Mas qual cor? Eu nem sei de cor que cor é de cor. Como a superfície do corpo pode servir para o definir? Eu era de uma outra, diziam-me, tu nem preta és. Quando o avô disse aquilo à mesa a Virgínia engasgou-se. A avó tentou resolver a pirâmide de silêncio esculpida no centro da mesa pelas palavras entaladas nas nossas gargantas, e explicou, como fazia sempre quando havia pessoas de fora, Sim, mas – e nesta pausa multiplicava-se um tremor intenso – os pretos lá de casa eram todos nossos amigos e gostavam mesmo de nós, confessava. Oh Catarina, mas o que podia o teu avô ter feito diferente na guerra? O homem só cumpria regras, ora bolas!, afirmava a minha avó que continuava *in love* pelo charme agressivo do sargento-mor-cândido. A sobremesa daquele almoço serviu para o avô convocar-me para uma conversa no domingo seguinte.

2.

Thanatos, gato escuro como as quatro e meia da manhã, tinha escapado uma vez mais, antes de voltar. A última vez tinha-o encontrado no meio do lixo perto de umas barracas

esquecidas. Estava agora à sua procura nos caminhos magros da comunidade Paredes-de-Vidro, dedos entrelaçados com Virgínia criando uma imagem digna de ser vendida numa publicidade da benetton, quando tropeçámos no polícia que nos abordou, uma vez mais, Só quero os documentos de identificação dela, apontando para a Virgínia e esclarecendo-me que eu não era suficientemente escura para: Tens droga, armas ou algo que te incrimine? Ali, na comunidade onde ninguém rouba cartas ao vizinho, vivia despida com Virgínia, embebedada nos versos escondidos do misterioso livro do seu ser, como a poeta. Nesta comunidade pobre e de má fama para os telejornais policiosos, casas de pedrinhas arco-íris alijavam os braços solidários negros. Enquanto o fim da tarde escorria, embalado por batidas graves, partilhávamos uma cachupa com um grupo de vizinhas guineenses num almoço prolongado por sonoridades desportuguesas. Um caldo apenas entornado por quem nunca se permitiu voar além da sua terra. A mensagem do telemóvel irrompeu. O invasor que insiste em encurtar a nossa vida. Em diminuir a densidade do pensamento. E eu querendo esticá-lo. Suspender o dia, a tarde, a conversa, o descanso. Impedido. O sinal do violador de reflexões. Nesta manhã pintada por temperaturas *negativadas*, recebi a mensagem avisando-me de que não ouviria mais histórias da guerra colonial e que não havia garrafa de *whisky* oferecida ao sô doutor que safasse o meu avô. Percebi então, que teria que adiar a viagem com Virgínia para os mares do sul.

3.

A morte tinha chegado tão súbita como quando ele dizia – preta! – e num espanto o meu coração acelerava. O dele travou. Cândido teve apenas uma migalha de tempo para recordar

estar vivo. Num instante o sô doutor engoliu-lhe a esperança: cancro intra- hepático nas vias biliares, e ele despreparado para perder a guerra no ponto mais fulminante. Oh sangue do meu sangue, o final horrível está prestes a chegar. Também já tinha perdido a capacidade de cheirar o próximo perigo, mas isso era um bem menor para Cândido. Está tudo bem e a melhorar, dizia ele, mas sabíamos que aquilo se podia traduzir: a morte cada vez mais próxima: descontorcia-se em dores. Esta era a sua estratégia para afastar o medo de qualquer fim: por debaixo das camadas de insígnias e medalhas: os seus olhos preenchidos por medos infantis e pensamentos nocturnos. Lembrava os momentos sos com a morte. As dores que o seu corpo agitava, o sabor metálico pela boca e os gritos desenrolados, Deus me ajude. Antes de morrer, no domingo à tarde o avô Cândido perguntou-me, E se vocês se casam? Devias ter vergonha de amar uma preta, dir-me-ia agora se visse como acordo os vizinhos rodopiando a língua pelas curvas escondidas no corpo de Virgínia. Cândido deu-me uma chave, desenhou uma vírgula num movimento brusco com a cabeça e piscou o olho.

4.

Cobriste-te de memórias ignorando a possibilidade futura. Embarcaste num santa maria, santa maria mãe de deus rogai por nós, *tffrrrrr páw pápápáw páww tpffrrr*, cuidado os pretos da senzala vieram espetar a catana na barriga do Abel, o teu joelho está a tremer tanto, avô, a boca do Abel é agora um caldeirão de sangue a borbulhar, soletras pon-ta-pés na perna da mesinha de centro corroída pela repetição, avô, avô, upa, upa, Angola é nossa, upa, bébe, upa, sai de baixo da mesa, Cândido. E agora? Como escreveste as quadras depois de tudo isto, avô? Dez dias no *mar portuguez* para rumar ao porto do

horror, não foi cândido avô? Surpreendeste-me com os teus versos, lembrei-me depois que a folha de papel pode esconder tudo. Rimo a carvão sublinhado/ homem esforçado/ nasci abandonado/ numa caixa de mercado/ deixada na igreja com o santo imaculado/ o país inteiro sufocado. Cândido. Miséria total até ao pescoço, até ao tremoço, até à catana, avô. Agradeces à tropa saber todos os rios e serras, saber rezar, saber matar e seres cidadão português. Tu és cidadão, avô, dessa nação de poetas todos mortos, que decoraram os versos com armas e barões tão assinalados que ficaram escaldados no inferno da guerra. Tinhas interesse em contar-nos como foi, não era avô? Compreendermos o *whisky* que te pulsava pelas veias coaguladas de loucura. Entendermos o homem com o anjo fora do corpo viciado na liamba acendida pelo fogo cambaleante que destruía aldeias de turras. Naquele calor húmido conseguiam fazer coisas de animais a humanos. Disso nem vou falar, Catarina, ninguém começa uma guerra sozinho. O que foste tu então fazer a África, avô? Ficávamos a desenhar imagens na cabeça sem a boina de tecido quente que criava um forno no lugar do cérebro, a alcatifa já ensaguentada de tantas histórias, e tu clamavas, Vocês não entendem nada, saías da sala, murro na parede branca com veios escuros. Ecos gelados do tempo. Tinhas alcunha, tinhas tudo, foste de soldado-sarjeta a sargento-mor que esmurraçava os pretos, e o padre sempre te disse, Ainda vais longe, Cândido. Foste até África. Mais um louco a decidir o destino de um Estado. Tiveste que desfazer das tripas um coração, enchê-lo de ódio para teres direito a uma pensão militar. Os pretos faziam-nos a vida negra, sabias netinha? Uma orgia de fúria e sangue e eu nem posso falar disto, agora desliguem os microfones, baixem as cabeças, que o sargento-mor não vai falar dos corpos carbonizados, dos cadáveres espetados em paus, das pernas cortadas

e dos sons uivantes do mato que lhe atormentaram o sono, desparecidos com os filmes de guerra que nos empapam o cérebro à frente da televisão num domingo à tarde.

5.

A mãe, fechada em lágrimas, insiste que o cheiro do avô continua preso ao sofá, sem se dar conta de que está ao lado do bar. A minha irmã fala sozinha com as insígnias do avô, fala com o cão que ali não está, fala com o saco de plástico, está presa por um fio de solidão. O primo afastado escutando as gargalhadas silenciosas penduradas nas fotografias sépia de família, lembra que amar é gostar de ouvir a forma do outro rir. O tio- avô, um poeta burguês de *estruflas* inspiradoras permitiu-se sair da sua toca de eremita viajante por umas horas e veio tratar dos assuntos de família à periferia, leva com ele o estojo para fazer a barba do avô. A avó sentada, a avó perdida e com uma mão a segurar o que resta da cabeça, tem o corpo num tremor. A casa também. A família também. O país também. Ela esvazia aquela casa cheia.

Afinal, estou sozinha. Demoro a mão percorrendo os móveis lá de casa, lembrando os relevos de outros continentes, o cheiro a madeira de décadas passadas até conseguir encontrar um vazio onde encaixar aquela chave. Esquecia a morte do avô lembrando a casa preenchida pelos vazios das visitas que não costumavam ter, pelo cheiro do funge vindo da mão da avó que serpenteava divisões, pelos lamentos servidos como iguaria principal, Mas que raio de família é esta?, pergunta sem resposta e um chuto para canto cruzando palavras ocas sobre o jogo de futebol e o episódio da novela de ontem.

(A chave, por fim, encontra o baú.) Mergulhada no baú, que entretanto mudara de tamanho enquanto crescia, encontro:

fotografias da guerra, dois contos: bilhetes, moedas, meda-
lhas: cartas sensuais de madrinhas de guerra: três balas e um
capacete: recortes de jornal, fotografias de uma mulher negra:
palavras sussurradas e imagens nunca ditas nem lidas pelo
sargento-mor Cândido: uma farda áspera com um cheiro ver-
de-escuro: escavei mais fundo, encontro isto:

*lembro, meu sargento-mor, quando chegaste com a tua bota
afundando na minha areia, a tua farda escondida p'la pele
branca junto à minha pele escura, eu de virilhas e boca in-
gênuas dispostas a aprender coisas novas, invadiste zonas
interditas e deixaste marcas. o que fazemos agora com este
amor?, esperei que me dissesses palavras negras para um
branco: amo-te. não disseste e voámos demasiadas noites
juntos. agora, temos um problema grave, grave p'ra resol-
ver. estou morrendo da doença que me trouxeste da metrô-
pole e não consigo mais cuidar de nossa filha. o que decidir-
mos será definitivo, definitivo.*

A mãe estacionada, por breves momentos, com os om-
bros encostados na parede a meu lado e com uma caixa de fós-
foros na mão abanava a cabeça. Disse-me, Não percebo como te
distras com tantos papéis do passado que são úteis para nada.

CLELIA BETTINI nasceu em Livorno em 1978 e vive em Lisboa desde 1999. Estudou Filologia Românica na Universidade de Pisa e doutorou-se em Literaturas Comparadas e Tradução do Texto Literário na Universidade de Siena. Foi docente de Língua, Literatura e Cultura Italiana na Faculdade de Letras e bolsreira de pós-doutoramento no Centro Internuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra. É autora de monografias e ensaios sobre a literatura portuguesa moderna e contemporânea, entre os quais se destaca *Apocrife contee. José Cardoso Pires: Faulkner, Vittorini e il neorealismo portoghese* (Effigi, 2012), dedicada ao autor de *O Delfim*, mas escreve também sobre cinema e teoria da tradução. É tradutora de narrativa, poesia e ensaio a partir do inglês, do castelhano, do francês e do português para o italiano, e do italiano para o português. Colabora desde 2010 com a Festa do Cinema Italiano, para os conteúdos ligados à literatura e aos temas culturais em geral. Ao longo dos anos, tem vindo a trabalhar no espólio do escritor italiano Antonio Tabucchi, colaborando com a sua mulher Maria José de Lancaster, tendo tido o privilégio de estudar com ambos durante os seus anos universitários. Recentemente, traduziu para italiano as entrevistas de Carlos Gumpert a Tabucchi, publicadas em Espanha em 1994 por Anagrama, editadas juntamente a outra entrevista da autoria do tradutor grego de Tabucchi, Antheos Chrisostomidis, no volume *Zig Zag* (Feltrinelli, 2022) do qual foi responsável de edição. Atualmente, trabalha no Instituto Italiano de Cultura de Lisboa.

FRANCISCO GUILHERME DA CUNHA MOUTA RÚBIO é um escritor-amador português, que nasceu em Lisboa em 1988. Filho de mãe bibliotecária e pai desaparecido cresceu rodeado de livros, numa relação obrigação-paixão. Mais tarde, no final de uma licenciatura, em regime pós-laboral, em Publicidade na ESCS, recebeu um livro, do primo intelectual, que inaugurou uma nova etapa na sua vida, a literatura. A leitura de *Jalan Jalan*, de Afonso Cruz abriu caminhos para oficinas de escrita com Ondjaki ou JP Cuenca e depois a pós-graduar-se em Artes da Escrita pela Nova FCSH, onde teve como professores influentes Rui Zink, Rui Cardoso Martins ou Gonçalo M Tavares. Recebeu o Prémio Literário Luís Vilaça 2022 e fez parte da antologia de contos pandémicos: *O Elefante na Sala*. Escreveu para o P3 do Público, Geração, Cordão, Repórter Sombra, Revista Palavrar, Ruído Manifesto, Felisberta Magazine ou Marginal, entres outros projectos online. Atualmente, escreve crónicas para o projecto de jornalismo comunitário do Público, Artéria. Continua à procura de desculpas para escrever. Não vive da literatura, vive para a literatura.

LUNA GAMANHO, natural de São Francisco Xavier (Lisboa) e residente no Fundão, é uma jovem artista de 15 anos. Está ligada às artes desde pequena, nomeadamente à música, ao teatro, à escrita e à dança. Frequenta o curso de Línguas e Humanidades na Escola Secundária do Fundão e, para além de fazer parte do Grupo de Teatro Histérico e de contribuir com os mais variados textos para o jornal escolar Olho Vivo, também se aventura, de vez em vez, na locução do programa de rádio Dias de Escola. Recentemente, ganhou o 1.º lugar neste concurso de contos, e o 2.º lugar no concurso paranormal de poesia-prosa (Gardunha Fest) com *Quando as crianças...* Além do mais, escreveu ainda uma crónica para o Jornal do Fundão, para o qual começou a contribuir à pouco tempo.

MANUEL ABRANTES Nasceu em 1982, em Lisboa. Foi distinguido em dois concursos “Jovens Criadores” do Clube Português de Artes e Ideias. Formado em estudos europeus e sociologia, concluiu mestrado na Universidade de Amsterdão e doutoramento na Universidade de Lisboa. Tem investigado e lecionado nas áreas do trabalho, do género e das desigualdades sociais. Participa em atividades de organizações não-governamentais pelos direitos das trabalhadoras domésticas e pelos direitos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo.

SANTIAGO QUINONEZ, nascido em janeiro de 2004, Brasil. Escrevi o meu conto enquanto estudava na Escola Secundária de Oliveira do Bairro, no Distrito de Aveiro. Nesta escola tive o acesso a materiais de estudo incríveis, professores exigentes, porém atenciosos e muito empenhados. Vivo em Portugal há aproximadamente 4 anos e sinto-me imensamente feliz com a receção de todos até o presente, com otimismo para o futuro. Aprendi que Portugal possui uma cultura rica, diversificada, com um passado memorável, um presente acolhedor e um futuro promissor. No processo de estudo e pesquisa para a criação do conto, junto dos manuais escolares e documentos disponibilizados pela minha professora de História-A, li o livro intitulado *Enquanto Salazar dormia*, de Domingos Amaral, ao qual ajudou-me imensamente como inspiração para o meu conto e compreensão da realidade dos portugueses durante este período histórico, cheio de mistérios, perseguições e censuras. Sempre fui apaixonado por História e pela arte de estabelecer linhas narrativas coerentes e bem desenvolvidas. Logo, ter a possibilidade de participar deste concurso de contos foi inimaginável e muito apreciado. Espero que vocês, leitores, gostem do conto e que sejam instigados à procura por conhecimento histórico e cultural.

Inquietação

LUNA GAMANHO

Enquanto as crianças brincam

SANTIAGO QUINONEZ

Falsas esperanças

DUARTE DA MOTA GOMES

Tão frágil

MANUEL ABRANTES

A caixa de música

CLELIA BETTINI

Coragem

FRANCISCO MOURA RÚBIO